

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

LEITURA: COMPROMISSO DA GESTÃO ESCOLAR E  
DE TODAS AS ÁREAS DO CURRÍCULO NA ESCOLA

CINARA TRENTINI HARTMANN

TIO HUGO

2009

# **LEITURA: COMPROMISSO DA GESTÃO ESCOLAR E DE TODAS AS ÁREAS DO CURRÍCULO NA ESCOLA**

por

**Cinara Trentini Hartmann**

Monografia apresentada à Universidade Aberta do Brasil como parte dos requisitos para obtenção do título de **Especialista em Gestão Escolar**.

Orientador - Prof. Ms Vantoir Roberto Brancher

**TIO HUGO**

**2009**

Universidade Aberta do Brasil  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Centro de Educação – CE  
Curso de Especialização em Gestão Escolar

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia

**LEITURA: COMPROMISSO DA GESTÃO ESCOLAR E DE TODAS AS  
ÁREAS DO CURRÍCULO NA ESCOLA**

Elaborada por  
**Cinara Trentini Hartmann**

como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão  
Educativa.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

**Ms. Vantoir Roberto Brancher – UFSM - Orientador**

---

**Ms. Mariglei Severo Maraschin – UFSM**

---

**MS. Claudio Emelson Guimarães Dutra – UFSM**

**TIO HUGO, 8 de agosto de 2009.**

**Leitura é droga perigosa: vicia.**

**“A burrice é muito útil, do ponto de vista político e social. Pessoas inteligentes, que vivem pensando e tendo idéias diferentes, são perigosas”. (Rubem Alves, 2004, p. 23).**

## RESUMO

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **Leitura: Compromisso da Gestão Escolar e de todas as áreas do currículo na escola**

AUTORA: CÍNARA TRENTINI HARTMANN

ORIENTADOR: MS. VANTOIR ROBERTO BRANCHER

Data e Local da Defesa: TIO HUGO/RS, 8 de agosto de 2009.

## RESUMO

Através de pesquisa bibliográfica e do método de análise do conteúdo, este trabalho pretende, partindo do questionamento *Os aspectos culturais e um projeto político-pedagógico que privilegiem a leitura estão entre as prioridades dos gestores escolares quando da construção de seu plano de trabalho?*, proceder a algumas considerações sobre a importância da leitura, seus aspectos cognitivos, bem como levantar alguns tópicos sobre tecnologia e suportes de linguagens, considerações estas que têm, como objetivo principal, analisar o papel do gestor escolar para o desenvolvimento, estímulo e incentivo à prática da leitura como instrumento de cultura e cidadania. Para tanto, o trabalho estrutura-se em três capítulos: Capítulo 1 – Percursos Metodológicos; Capítulo 2 – Fundamentos e Conceitualizações e; Capítulo 3 – Algumas Reflexões Teóricas.

Palavras-chave: Cidadania. Cultura. Gestor Escolar. Leitura.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional  
Universidade Federal de Santa Maria

### **Leitura: Compromisso da Gestão Escolar e de todas as áreas do currículo na escola**

AUTORA: CÍNARA TRENTINI HARTMANN  
ORIENTADOR: MS. VANTOIR ROBERTO BRANCHER  
Data e Local da Defesa: TIO HUGO/RS, 8 de agosto de 2009.

## **ABSTRACT**

Through research bibliography and method analysis contents, this work pretend, from question "The aspects culturals and a Project political- educational that privileged the reading are between the priority head teacher schools when of the construction your work plan? To come from some consideration about important reading, your aspects cognitive as well as weigh some main point about technology and support of language consideration these that have, as objective main principal, to analyze leading head teacher school to the developing, stimulus and incentive practice of the reading with stimulus and incentive practice of the reading with instrument culture and citizenship. So that, the work structure in three chapter: chapter one- routes methodology, chapter two- grounds and opinions and chapter three- some reflects theoretical.

Keys words: citizenship. Culture. Head teacher school. Reading.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>3 FUNDAMENTOS E CONCEITUALIZAÇÕES.....</b>	<b>14</b>
<b>4 ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>23</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
<b>ANEXO I .....</b>	<b>35</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O texto que segue, sugere um questionamento que se transforma numa retomada histórica acerca da leitura no mundo e de mundo. A partir disso, aborda os aspectos cognitivos da leitura; depois, levanta alguns tópicos sobre tecnologia e suportes de linguagens e, por último, aborda a formação do leitor. Tal assunto resta de significativa relevância aos educadores, tendo em vista que, muitas vezes, acreditam que os jovens não gostam de ler.

Tal afirmação baseia-se em experiências próprias e de outros educadores (professores de Literatura e Língua Portuguesa) envolvidos nesta tão discutida questão e com os quais se dividem experiências no dia-a-dia, ou seja, os alunos não gostam de ler e não lêem quando a leitura é oferecida. No entanto, percebe-se que esta afirmação não procede quando os estudantes são convidados a realizar atividades “saborosas” de leitura.

Para explicitar os objetivos traçados na construção desta monografia, torna-se imprescindível suscitar algumas reflexões a partir de recortes na história da humanidade, no que se refere à questão cultural das práticas leitoras. A esse respeito, Avelar considera que

A leitura já tem dentro do processo de desenvolvimento do homem e da civilização um papel importantíssimo, sendo ela a habilidade principal para a sobrevivência em um modelo social cada vez mais complexo e que exige clareza na comunicação, seja ela de informações mais simples até as mais complexas, que irão interferir na estrutura do ser, e conseqüentemente, na sua visão da sociedade. (2008, p. 1).

De acordo com os primeiros registros da história da humanidade em relação aos livros, sabe-se que o acesso a estes era privilégio de poucos, muitas vezes, limitado ao clero e a nobreza de alguns “homens de letras”, como bem demonstra Umberto Eco em “O Nome da Rosa” (2003), situação que se repete em outros momentos históricos mais recentes nos quais, mesmo havendo facilidade de acesso às informações, estas não são significadas por alguns grupos e/ou indivíduos.



Assim, o fato de a leitura ter sido privilégio de poucos não se restringe apenas a história dos monges medievais, ela se repete em vários momentos da história da humanidade como no período da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, por exemplo. Em relação à situação de explorados a que foi submetido o Brasil desde a época do seu “achamento” e muitos outros períodos em que as liberdades sociais e individuais foram tolhidas por movimentos de grande repressão como as diversas guerras que assolaram o mundo e, especificamente quanto ao Brasil, durante a Ditadura Militar.

Verifica-se, assim, que a questão da cultura<sup>1</sup> e, por consequência da leitura, encontra-se diretamente ligada à forma de gestão adotada, visto que quanto mais letrada a população, maiores são as chances de exercício pleno da cidadania o que, em gestões pouco democráticas, nas quais há centralização de poder, não se configura prática usual. Valendo-se destas reflexões, a idéia é que, ao ser esboçado um projeto no qual a Gestão Escolar priorize a cultura bem como a leitura como compromisso de todas as áreas do currículo. Assim sendo, não se perderá de vista os acontecimentos históricos que foram determinando as relações com os livros e com o conhecimento ao longo da história da humanidade.

Ao mesmo tempo, que se busque compreensão na própria história, novas possibilidades para a transformação dos cidadãos em leitores participantes no mundo da leitura, ou seja, da cultura que usa a escrita e a leitura, tornando-os capazes de participar da transformação da sociedade e, conforme defende a Equipe do Núcleo de Integração Universidade Escola, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS – NIUE/UFRGS,

Esta leitura de formação de leitor visa desenvolver no aluno a familiaridade com a língua escrita através da leitura de todo o tipo de texto, numa quantidade que o faça gostar de ler e perceber a importância desta para sua vida pessoal e social, transformando-a num hábito capaz de satisfazer este gosto e esta necessidade. (2007, p. 2).

E para tanto, terá que se desconstruir o que se enraizou nas pessoas, é urgente construir uma nova ação, considerando que a educação como uma prática

---

<sup>1</sup> Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, lingüísticas e comportamentais de um povo ou civilização. Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, etc. Disponível em: < [www.suapesquisa.com/o\\_que\\_e/cultura.htm](http://www.suapesquisa.com/o_que_e/cultura.htm) >

política e pedagógica, é preciso levar em conta a realidade dos seres que foram historicamente excluídos, que não tiveram vez e voz, que foram objetos e não sujeitos de sua própria história, como Freire afirma: “Então o camponês descobre que tendo sido capaz de transformar a cultura, renasce não mais como objeto dela, mas também como sujeito da história”. (1982, p. 32).

É importante enfatizar que o objetivo deste projeto é desencadear uma reflexão a fim de transformar o trabalho dos gestores escolares, bem como de todos os participantes da comunidade escolar, modificando a postura frente à cultura e à leitura. Estes anseios traduzem a emergência de mudar a cara da escola, da educação, da gestão escolar, em que o desafio é fazer que palavras e gestos encontrem-se e ações sejam coerentes com as falas.

De tais colocações, e ao se levar em conta a importância do gestor em toda e qualquer atividade humana, há que se questionar: *Os aspectos culturais e um projeto político-pedagógico que privilegie a leitura estão entre as prioridades dos gestores escolares quando da construção de seu plano de trabalho?*

## 2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A realização do presente trabalho implica um estudo aprofundado sobre a leitura e o compromisso que o gestor educacional e todas as pessoas envolvidas no processo de construção do conhecimento precisam assumir diante de uma realidade tão pobre em termos de cultura, o que deve ser visto como aspecto imprescindível em qualquer projeto político pedagógico. Para a consecução deste estudo, lança-se mão de uma pesquisa bibliográfica e do método de análise do conteúdo, procurando tecer algumas considerações no entorno do problema de pesquisa.

O termo “pesquisa” por vezes é usado indiscriminadamente, confundindo-se com uma simples indagação, procura de dados ou certos tipos de abordagens exploratórias. A pesquisa, como atividade científica completa, é mais do que isso, pois percorre, desde a formulação do problema até a apresentação dos resultados, passando pelas seguintes fases: definição do objeto-tema da pesquisa, escolha/definição das fontes de pesquisa, leitura, fichamento e reflexão sobre conceitos e análise e interpretação bibliográfica. (DIAS e FERNANDES, 2000).

Baffi destaca que “Uma das preocupações básicas dos pesquisadores, relacionada com as questões metodológicas de suas pesquisas, é a explicação sobre as características específicas dos procedimentos adequados, para a realização da pesquisa proposta”. (2008, p. 1).

No caso da pesquisa bibliográfica, como se depreende dos estudos efetivados, há que se seguir passos que conduzam à seleção do material a ser utilizado, sua devida catalogação e fichamento e posterior seleção para consecução do trabalho.

Considerando a pesquisa ora em questão, Amaral destaca que

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. É imprescindível, portanto, antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão, e não começar a coleta de dados e depois fazer a revisão de literatura, como algumas vezes se observa em alguns profissionais de saúde e acadêmicos no início de formação científica. Essa pesquisa bibliográfica tem os seguintes objetivos:

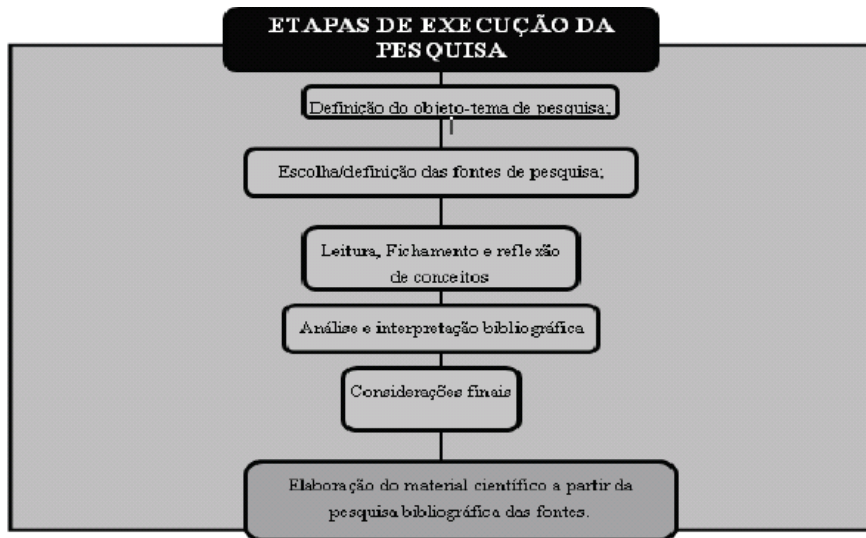
- Fazer um histórico sobre o tema.
- Atualizar-se sobre o tema escolhido.
- Encontrar respostas aos problemas formulados.
- Levantar contradições sobre o tema.
- Evitar repetição de trabalhos já realizados. (2007, p. 5)

Pesquisa bibliográfica, no entendimento de Espírito Santo (2001, p. 1), é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de um tema, Afirma, ainda, o mesmo autor, fonte de pesquisa consistem em publicações impressas ou digitais em forma de livros, dicionários, enciclopédias, periódicos, resenhas, monografias, dissertações, teses, apostilas, boletins etc.

Em termos metodológicos, o trabalho se desenvolve a partir do método de análise do conteúdo, cujo ponto de partida é a mensagem, mas devem ser consideradas “as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem”. (PUGLISI; FRANCO, 2005, p. 13).

Para Minayo a análise de conteúdo visa a verificar hipóteses e ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto. Esclarece, ainda Minayo que “(...) o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente)”. (2003, p. 74).

Assim, nosso trabalho elencou-se em alguns momentos, conforme preconizado por Brancher. (2008, p. 11).



**FIGURA 2: ETAPAS DA PESQUISA III.**

FIGURA 1: Etapa de desenvolvimento da Pesquisa proposto pelo autor supracitado.

Tendo em vista a característica metodológica deste trabalho, após a consolidação da pesquisa bibliográfica a ser desenvolvida no capítulo dois, serão feitas algumas reflexões teóricas a partir da análise do conteúdo evidenciado no referencial teórico.

### 3 FUNDAMENTOS E CONCEITUALIZAÇÕES

Ao tratar sobre leitura, é necessário, inicialmente, que se reporte a alguns aspectos históricos da leitura e sua utilização pelo homem. A esse respeito, Avelar se manifesta afirmando que

Para se iniciar uma análise sobre a leitura, é necessário retroceder a 40.000 anos, quando surgem as primeiras formas de escrita feitas pelo homem, e, conseqüentemente, também são feitas as primeiras interpretações de representações gráficas, que se entende como leitura. A essa forma de escrita primitiva se dá o nome de pictografia, sendo estas encontradas em cavernas, efetuando a comunicação na sociedade primitiva. A partir desses primeiros registros, a escrita começa a ser desenvolvida, passando da simples representação visual para a representação sonora, fato esse que retrata o desenvolvimento da sociedade, com o homem despertando como detentor da razão. Esse fato começa a aperfeiçoar a sociedade e criar os moldes que hoje em dia ainda estão presentes na estrutura de nossa sociedade. (BRAICK; MOTA, 2002 apud AVELAR, 2008, p. 2).

Acompanhando a evolução da leitura na história da humanidade, Avelar destaca que, com o surgimento de sociedades mais complexas, “começam as restrições ao acesso, sendo o conhecimento fator determinante do poder dentro da sociedade” (2008, p. 3). O mesmo autor esclarece, ainda, que

Na Grécia, leitura e escrita ficaram restritas aos filósofos e aristocratas. Já em Roma, esse conhecimento era utilizado para garantir o poder dos patrícios, legitimando seu direito sobre uma propriedade. Dentro dessas duas civilizações, havia os registros desses textos, como já relatado, através dos papiros, sendo estes organizados em volumes, para garantir que esses textos fossem passados para outras gerações da classe que tinha acesso aos mesmos. (Ibidem, p. 3).

No período da Idade Média, a Igreja controlava a circulação dos conhecimentos, os textos oriundos das antigas civilizações greco-romanas eram preservados e restaurados no interior de suas bibliotecas e escolas, fato que transformava os mosteiros, abadias e igrejas nos únicos centros de cultura letrada na sociedade medieval. Como produto desse fato social, a minoria tinha acesso à

cultura letrada, sendo essa oferecida a alguns nobres, garantindo, desse modo, a formação do clero. (AVELAR, 2008).

Campos Júnior (2003, p. 2) faz referência à preocupação demonstrada pela Igreja e governo totalitários em coibir o acesso da população à leitura, visto ser esta uma forma de libertação e aquisição de conhecimentos. A esse respeito, o autor coloca que:

A Santa Inquisição não queimava apenas as bruxas e os hereges. Incinerava montanhas de livros em praça pública para que não fossem lidos. Da mesma forma, em nosso país, agentes dos governos militares invadiam casas de subversivos, apreendiam e destruíam livros cujos títulos e autores integravam a lista dos proscritos do regime. Os jornais escritos foram duramente censurados, quando não empastelados.

Tendo em vista que a leitura, em termos históricos, ter representado uma ameaça ao poder constituído por instituições pouco democráticas, há que se destacar que, em âmbito escolar, atualmente, ainda se encontram resquícios dessa concepção, advindo desse fato, provavelmente, as dificuldades que a escola enfrenta em termos de trabalhar, com mais aprofundamento e constância, a leitura.

É preciso lembrar, também, que na sociedade brasileira como um todo, a leitura não é ainda um hábito, nem um ato, pois é vista, como

[...] comportamento diferenciador a que somente seres privilegiados, bem dotados intelectual, cultural e economicamente podem ter acesso. [...] o que se reserva às maiorias, quando muito, é o exercício de reconhecimento de signos para atividades imediatas, ligadas à sobrevivência ou pouco mais que isso. (DAL VESCO e GALEAZZI, 2007, p. 5).

O mundo dos poderosos, quem governa os sistemas seja em âmbito nacional ou local como o caso das próprias escolas, nega o direito de dizer a palavra, seja ela escrita ou falada e por isso é necessário que se chegue à consciência crítica. Os processos desencadeados para a construção da consciência crítica só serão possíveis quando o sujeito relacionar a sua leitura do mundo particular na constituição da leitura do mundo e posteriormente da palavra.

Logo, pessoas pensantes são perigosas, podem abalar as estruturas sociais ou tomar o poder. “Esse perigo é combatido com pouco investimento na educação, como fazem muitos governos, no mundo inteiro. É mais fácil controlar uma nação que precisa de heróis, na qual os cidadãos não têm plena consciência dos seus direitos e deveres”. (JESUS, 2009, p. 1).

Como Freire destaca em suas palavras:

Lavar as mãos diante das relações entre os poderosos e os desprovidos de poder só porque já foi dito que “todos são iguais perante a lei” é reforçar o poder dos poderosos. É imprescindível que o estado assegure verdadeiramente que todos são iguais perante a lei e que o faça de tal maneira que o exercício deste direito vire uma obviedade. (2000; p. 48/49).

Quando se aborda questão da leitura a partir dos aspectos cognitivos, não se pode deixar de estabelecer uma reflexão sobre esta enquanto prática social, especialmente no que tange à forma como a leitura é enfocada na escola.

Uma coisa é saber as regras gramaticais, ler e interpretar alguns poucos textos nas aulas de Português e Literatura, outra coisa é desenvolver a capacidade de abstração, isto é, ler e saber o que está lendo, e desta forma estar incluído no mundo da leitura, na cultura que usa a escrita, num processo de letramento, pois a leitura precisa ser prioridade na escola, no município, compromisso de todas as áreas na escola, bem como de todos os envolvidos nesta. E para tanto a escola está distante, pois nesta aprende-se a ler e escrever para ler e escrever, isto é, as aprendizagens têm um fim em si mesma. Já fora da escola, aprende-se a ler para ler uma placa, para ler uma bula, para sentir-se pertencente a esta sociedade.

Enfocando estas concepções de leitura, Martins sintetiza duas caracterizações: “1) Como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos (perspectiva behaviorista-skinneriana); 2) Como um processo de compreensão abrangente (perspectiva cognitivo-sociológica)”. (1982, p. 31).

Desse modo, é possível afirmar que o papel da escola deve ser o de incentivadora do ato de leitura, pois além de formar o leitor, a escola deve sempre trabalhar com a leitura. O ensino deve estar focado sempre na criação e na crítica da realidade, pautando os processos de ensino-aprendizagem sempre na leitura. Para Nascimento e Silva, esta prática por parte da escola



[...] facilita o aprendizado pela autonomia e crítica da realidade que a leitura proporciona e ajuda no incentivo à leitura daqueles que ainda não possuem simpatia por ela. Acreditamos que somente com a leitura, poderemos educar cidadãos autônomos, críticos e transformadores da realidade. É através da leitura, em sua rede de significados, que podemos reler a realidade e transformá-la. A leitura pela memorização e pela reprodução forma somente leitores. A leitura pela crítica da realidade forma leitores autônomos e transformadores do meio que estão inseridos. (2001, p. 8).

No entanto, quando o educador ou a proposta pedagógica da escola aponta para a questão da leitura apenas para a decodificação de símbolos, estes estão reforçando nos educandos a alienação, esquecendo-se que as pessoas aprendem, ensinam e conhecem com o corpo inteiro, e não apenas com o cérebro. Logo, a aprendizagem, e a educação, restam falhas visto não que não estimulam o senso crítico em todas as ações pedagógicas.

A esse respeito, Chartier defende que

Entre as leis sociais que modelam a necessidade ou a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes, o que coloca o problema, ao mesmo tempo histórico e contemporâneo, do lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem da leitura, nos dois sentidos da palavra, isto é a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade de uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos. (1997, p. 240).

A tarefa de trabalhar e incentivar leitura, principalmente para os educadores, não é fácil, mas árdua e profunda. As crianças chegam à escola com a leitura do seu mundo particular. Respeitar o conhecimento que já possuem, é o primeiro para que o educador comece a construção de um pensamento mais crítico e elaborado.

Na concepção de Kleiman,

Ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar à criança que quanto mais ela prever o conteúdo, maior será sua compreensão; é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando perdeu o fio; é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimento – lingüísticas, discursivas, enciclopédicas [...] é ensinar, antes de tudo, que o texto é significativo [...]. Isso implica em ensinar não apenas um conjunto de estratégias, mas criar uma atitude que faz da leitura a procura da coerência. (2004, p. 151).

A mesma autora defende que “o ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto”. (1998, p.61), pois realizado nestes termos, tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno.

Afinal para que serve o conhecimento? Para descobrir a cura mais rápido, para abreviar dificuldades? Logo, o conhecimento não pode ter um fim em si mesmo. Este deve estar vinculado à formação do cidadão, as pessoas precisam saber o que fazer com a enxurrada de informações que recebem, sob pena de continuarem usando-as para construir bombas atômicas, desenvolver vírus prejudiciais em laboratórios ou até mesmo construir prédios que desabam.

A partir desta reflexão é possível argumentar a questão da leitura como prática coletiva afinal esta não se dá individualmente, é preciso que as pessoas sejam convidadas, seduzidas a permanecerem em contato com a mesma. É necessário que surja a necessidade da leitura, contato ao acaso e freqüente com os livros.

Para que se ofereça aos alunos o envolvimento com a leitura, não se concebe que a escola ignore o que estes trazem em suas experiências de vida, advindas do saber popular. É preciso ter um grande respeito pelo saber “só de experiências feito”, como diz Camões. (apud RODRIGUES, 2000, p. 6). Assim, a partir do momento em que ocorre esta valorização, a possibilidade de o aluno sentir-se convidado a aprofundá-lo através do saber científico torna-se maior.

Para Silva, “O processo de leitura requer a importância da diversidade de configurações textuais que circulam na sociedade e que, por isso mesmo, são importantes durante a montagem de uma unidade de leitura”. (2003, p. 24). O autor afirma também que o espaço escolar deve ser um ambiente propício à produção de atividades voltadas para o uso da leitura e que as mesmas estejam próximas da realidade do aluno para que o ato de ler o transforme em sujeito crítico.

Guimarães, sobre o ato de ler, afirma que

[...] o ato de ler implica um mergulho na própria existência - esta considerada como produto das determinações não apenas internas, mas externas aos sujeitos - no resgate dos significados já produzidos ao longo da vida e no confronto destes com a proposta feita pelo autor. No processo que se concretiza, o sujeito-leitor recupera seus conhecimentos e crenças, implementa seu raciocínio e se reorganiza internamente, marcado por uma nova interação. (1995, p. 88).

Deste modo, o ato de ler deve ser compreendido em seu sentido de produção de significados, razão por que envolve as possibilidades de utilização de diversas linguagens. Considerando que o gosto pela leitura se constrói através de um longo processo no qual sujeitos que a buscam encontram nela uma possibilidade de se relacionar com o mundo, o professor deve atuar como um agente na mediação entre alunos e o material de leitura, um impulsionador e guia no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida.

Se entendida a leitura como um dos caminhos de inserção no mundo e de satisfação de necessidades amplas do ser humano [...] direcionadas para a superação de uma visão utilitarista das linguagens - onde é privilegiado apenas seu domínio técnico - no sentido da compreensão de que estas constituem produções humanas e, como tal são passíveis de manipulação, construção, desconstrução e reconstrução. (MENIM et al, 2006, p. 2).

Blattmann e Viapiana, (2005, p. 1) sobre a leitura e sua relação com a cidadania, defendem que

[...] quem lê, amplia seus horizontes e conseqüentemente está mais aberto para todas as artes e ciências, pode-se dizer que a pessoa é cidadã do mundo e precisa capacitar-se para obter autonomia cultural e intelectual. E a leitura é uma janela no tempo e no espaço, pois amplia horizontes e possibilita o fortalecimento de idéias e ações.

Em função disso, fica evidente que o papel da escola não é mais a mera transmissão de informações. Atualmente, exige-se que ela desenvolva a capacidade de aprender, o que subentende o domínio da leitura e da escrita. Para França e Moura (2008, p. 3), “A inserção do aluno, no universo da cultura letrada, desenvolve a habilidade de dialogar com os textos lidos, através da capacidade de ler em profundidade e de interpretar textos significativos para a formação da sensibilidade, da cultura e da cidadania”.

Deste modo, a escola vem se constituindo como espaço privilegiado para a aprendizagem e para o desenvolvimento da leitura, pois aí se dá o encontro decisivo da criança com o ato de ler. A partir dessa afirmação, evidencia-se a importância do papel que desempenha a escola para o educando no sentido de adquirir o hábito de leitura como uma prática cotidiana.

Todavia, grande parte dos educadores não trabalha adequadamente com a leitura, e quando o faz, se dá no sentido de: Abrir o livro na página tal, ler e responder o questionário; ficando a leitura analítica, crítica sem fundamento educativo. O livro didático é colocado como algo certo, intransferível que se deve acatar completamente. Tal afirmativa pode ser comprovada pelo posicionamento de Silva que coloca:

A mistificação da palavra escrita, cristalizada pela ideologia e reproduzida ao longo de nossa história, é um primeiro aspecto a ser aqui discutido. O caráter estritamente livresco do ensino e as formas autoritárias através das quais os livros são apresentados em sala de aula tendem a contribuir para com a docilização dos estudantes, gerando a falsa crença de que tudo o que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro. (1998, p. 03).

O educador, em sua formação, não é levado a dar grande importância para o ato de ler, ou seja, fazer com que seu aluno adquira o hábito pela leitura e, não havendo o devido apoio do gestor escolar, a leitura fica limitada a um pequeno volume de leituras improvisadas e sem significado para os educandos.

Assim podemos analisar a existência dos livros na vida do ser humano, dos livros em pergaminho (couro animal, um carneiro por página) até a invenção de Gutemberg. Muito se avançou na popularização destas fontes de sabedoria, porém isto não garantiu o acesso a todas as pessoas, numa sociedade que vê um grande risco diante do saber do povo.

Então aparece a tecnologia e, sobre ela, Nascimento e Silva refletem que

Embora saibamos que existe no mundo contemporâneo uma hipertrofia e uma hipervalorização das tecnologias das imagens que coloca os conteúdos e conhecimentos por disseminação em forma de imagens; sabemos disso, e a maioria dos conteúdos e conhecimentos existentes hoje são de forma escrita. Vários autores que trabalham com a leitura como prática social sinalizam que o discurso prevê que o livro será extinto. Esse discurso de que o livro irá entrar em extinção não tem fundamento. A escola deve utilizar desses novos recursos se for necessário e servir como instrumento educativo. Agora, os livros são essenciais, pois a leitura e escrita são maneiras de pensar, criticar e transformar a realidade. (2001, p. 7).

A inserção das novas tecnologias através do hipertexto, CDs musicais, filmes em DVD, propõe desafios à escola, a fim de transformá-la em ferramentas no processo ensino-aprendizagem. Os educadores, através da formação continuada, precisam apropriar-se das diferentes linguagens que envolvem estes suportes, bem como se posicionar criticamente diante destes, jamais deixando de lado os suportes escritos e não tão modernos.

Vive-se uma fase transitória entre a concretude do texto impresso e a imaterialidade do texto eletrônico. Para que não ocorram perdas, como alerta Chartier (1993, p.6-7) “[...] devemos pensar no futuro – quando o uso dos textos eletrônicos se generalizarem – e na preservação da forma impressa original com que os livros têm sido produzidos até este momento”.

Trazendo estas reflexões para o ambiente da escola, Babin e Kouloumdjian (1989 apud RIOS, 2005, p. 67) referem-se a uma cultura escolar em “estéreo”, em que o livro e o audiovisual tenham espaço comum. “Sua proposta é de que a escola seja o lugar onde se preserve a memória do passado, os registros advindo de nossa história, e que ao mesmo tempo em que faz uso, também se posiciona criticamente diante das ferramentas apresentadas hoje”.

Entende-se que tanto o material escrito como o cinematográfico, a história em quadinhos, virtual, trazem benefícios ao conhecimento dentro de suas particularidades, o que se torna necessário é saber utilizar tais recursos de modo que não fique apenas na informação pura e simples, mas que traga contribuições para a realidade do aluno.

O caminho não é privar o acesso e a alfabetização dentro das novas tecnologias, pois se torna uma forma de marginalização, e isto deve ser compromisso dos gestores educacionais bem como escolares. A formação do leitor

se dá através de várias formas de contato com os livros, bem como de outras ferramentas já citadas, então novas ambiências, bem como práticas diversificadas, provém do objetivo de dinamizar a sala de aula, nas diferentes áreas, bem como a biblioteca escolar, através de uma concepção comprometida com a cultura.

Estes espaços flexíveis e interativos tornam-se o eixo estruturador do currículo, onde os estudantes, e por que não a comunidade em geral, poderão buscar cultura e lazer, possibilitando, através de características dinâmicas, as trocas entre os usuários, levando-os a sentirem-se cidadãos aptos a interpretar, conviver e intervir na realidade de pluralidade multicultural.

## 4 ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

A partir do questionamento inicial deste trabalho, ou seja, *Os aspectos culturais e um projeto político-pedagógico que privilegiem a leitura estão entre as prioridades dos gestores escolares quando da construção de seu plano de trabalho?*, há que se tecer algumas considerações e reflexões relativas a aspectos ligados à gestão escolar, visto a importância do gestor para todas as atividades a serem desenvolvidas em âmbito escolar.

Entretanto, se acordo com Paro, “refletir sobre o caráter político e/ou administrativo das práticas que se dão no dia-a-dia da escola pode soar bastante pretensioso, já que implica em ter como objetivo de análise tudo o que se dá unidade escolar”. (1998, p. 71).

Estabelecida como um princípio político, a partir da Constituição Federal de 1988, a gestão democrática da escola brasileira, antes de se constituir apenas uma determinação legal, deve ser vista como um processo contínuo e complexo que se desenvolve conforme a evolução da própria sociedade e seus sujeitos.

Lück, considerando a gestão, afirma que:

[...] a lógica da gestão é orientada pelos princípios democráticos e é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação, organização e planejamento de seu trabalho e articulação das várias dimensões e dos desdobramentos de seu processo de implementação. (2006, p. 36).

Há bem pouco tempo, falava-se em administração escolar, que compreendia as atividades de planejamento, organização, direção, coordenação e controle. “A gestão, por sua vez, envolve estas atividades necessariamente, incorporando certa dose de filosofia e política. O que existe é uma dinâmica interativa entre ambas”. (Ibidem, p. 99).

A realidade atual de grande parte das escolas parece, ainda, desenvolver suas atividades nos termos da administração escolar e, em função disso, a gestão

escolar necessita romper com paradigmas já ultrapassados, priorizando o trabalho em equipe. No entanto, o que se percebe, na prática, é que o discurso da “quebra de paradigmas” parece não encobrir que a participação depende de, em geral, de alguém que, no dizer de Paro, “[...] dá abertura ou que *permite* sua manifestação” (1998, p. 19) e, em sendo assim, continua o autor:

Se a democratização da escola pública ficar na dependência deste ou daquele diretor magnânimo, que ‘concede’ democracia, poucas esperanças podemos ter de contar, um dia, com um sistema de ensino democrático, pois diretores magnânimos e bem intencionados – alguns que até se prejudicam por amor à causa da democracia – sempre tivemos, mas nem por isso vimos generalizar-se a democracia na rede pública de ensino. (Ibidem, p. 19).

As considerações e reflexões até aqui referidas demonstram que a gestão escolar deve, acima de tudo, levar em conta o fato de que a participação da comunidade torna-se imprescindível para a viabilização de um projeto político-pedagógico a ser concebido como instrumento facilitador na aquisição do saber e na formação da cidadania.

Contudo, mesmo construídas a partir da participação da comunidade escolar, as prioridades estabelecidas nos planos de gestão e nos projetos político-pedagógicos de grande parte das escolas, fato que a experiência profissional vivencia, não raro privilegiam aspectos físicos como ampliação de prédios, aquisição de equipamentos, construção de quadras esportivas, entre outros, relegando, a um plano secundário, aspectos pedagógicos, dos quais destaca-se a preocupação com a leitura e condições para que a mesma tenha um papel preponderante na vida escolar.

O que se observa, com frequência, é a preocupação de toda a comunidade escolar em equipar a escola com os mais modernos equipamentos, no intuito de acompanhar avanços da tecnologia. É óbvio que esta é uma preocupação pertinente haja vista a necessidade de que o aluno esteja entrosado e domine qualquer tecnologia, mas o que vem ocorrendo é que a preocupação com a tecnologia está relegando a um plano secundário a atualização e o aperfeiçoamento do acervo bibliográfico das bibliotecas.



Veja-se o caso da Proposta Pedagógica (Anexo I) da atual gestão de uma escola de Educação Básica localizada em Soledade/RS, considerada uma gestão democrática que, em sua contextualização, demonstra a preocupação com os aspectos físicos ao expor a situação em termos de equipamentos de informática:

A Escola dispõe ainda de um Laboratório de Informática equipado com computadores e impressoras, com poucos programas e recursos humanos insuficientes para atendimento à totalidade do alunado da Escola. Há, também, uma sala de projeção equipada com aparelhos de som, TV, Vídeo, antena parabólica e uma pequena videoteca. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2007, p. 4).

Em termos de participação da comunidade escolar, fica evidenciado que a comunidade tem sido chamada para participar coletivamente das decisões administrativas e pedagógicas da Escola, porém, apenas uma pequena parcela tem revelado uma postura participativa e comprometida, pois a maioria ainda não se sente parte desse processo.

Quando se analisa a Proposta Pedagógica em tela, percebe-se algumas contradições bastante significativas entre o que colocam os pais e alunos e o que está colocado pela escola. Um caso que ilustra tal constatação diz respeito à avaliação que, na visão dos pais “é punitiva, discriminatória, classificatória, de memorização e baseada em provas, em grande parte das disciplinas” e na proposta da escola pretende “superar a avaliação classificatória, autoritária e competitiva, em favor da avaliação emancipatória que promova a aprendizagem de todos os alunos, sob a ótica da inclusão”.

Outro aspecto importante que se verifica na Proposta Pedagógica refere-se às características da comunidade escolar a qual, segundo está registrado na Proposta, expressa

[...] uma visão de sociedade capitalista, materialista, competitiva, individualista, injusta, discriminatória, excludente, cujos reflexos recaem na desintegração da família, na desigualdade social, no desemprego, na desesperança, na decadência de valores e na falta de satisfação das necessidades básicas. (Ibdem, p. 2).

Outra evidência que aparece na Proposta analisada demonstra que os pais preocupam-se bastante com a transição da 4ª para a 5ª Série, principalmente quanto aos valores, considerando que além da mudança estrutural na forma de desenvolver o currículo, há a mudança natural que a faixa etária dos alunos sofre, ou seja, certa perda de identidade entre ser criança e ser “gente grande”. Sem dúvida este é um problema que vem sendo discutido de há muito sem, no entanto, tenha sido encontrada uma alternativa satisfatória para ele.

Ainda é possível constatar através da Proposta que não existe incentivo, e por que não dizer, interesse dos pais no sentido de valorização da leitura, apesar de a escola, não raro solicitar leitura para os alunos e disponibilizar seu acervo a toda comunidade escolar.

Em relação à Biblioteca Escolar, a Proposta, em sua contextualização, coloca: “A escola dispõe de uma biblioteca cujo acervo está em fase de informatização, porém é insuficiente para atender às necessidades dos diversos cursos. Além disso, o espaço físico é pequeno”. (Ibidem, p. 4).

Ao se levar em conta realidades como a apresentada, toma-se mais uma vez as palavras de Lück que, ao se referir às competências da gestão escolar afirma:

Compete à gestão escolar estabelecer o direcionamento e a mobilização capazes de sustentar e dinamizar a cultura das escolas, de modo que sejam orientadas para resultados, isto é, um modo de ser e de fazer caracterizado por ações conjuntas, associadas e articuladas. Sem esse enfoque, os esforços e gastos são dispendidos sem muito resultado, o que, no entanto, tem acontecido na educação brasileira, uma vez que se tem adotado, até recentemente, a prática de buscar soluções tópicas, localizadas e restritas, quando, de fato, os problemas da educação e da gestão escolar são globais e estão interrelacionados. (Ibidem, p. 6).

Para Caminha (2009, p. 1), o gestor que tem, entre suas metas, educar para a cidadania “sabe que desde já terá grandes responsabilidades nos sistemas educativos, os quais devem desenvolver nas novas gerações os saberes e as práticas duma cidadania ativa”. A mesma autora reitera a posição de outros estudiosos afirmando que “o gestor sabe que o exercício da cidadania é sustentado por um corpo de valores e de virtudes aceitáveis universalmente: a justiça, a

verdade, a coragem e a liberdade e ela se constitui uma garantia da democracia e só se exerce em contextos democráticos” (Ibidem, p. 1).

Neste ponto, reporta-se à questão da leitura como instrumento de conscientização, conforme referências feitas no capítulo dois deste trabalho, ou seja, a leitura oportuniza, aos leitores, despertar para uma consciência crítica e, considerando que tal fato, historicamente, foi evitado pelas classes dominantes para as quais a consciência popular não convinha ou convém.

A escola deve valorizar a leitura, elegendo-a como atividade fundamental que possibilita a formação integral do aluno, dando acesso aos alunos a diversos tipos de materiais de leitura, como revistas, fotonovelas, história em quadrinhos, etc. Assim os alunos se motivariam a ler, demonstrando mais interesses do que encontram na leitura de livros didáticos apenas.

Na opinião de Martins

O livro e a leitura são instrumentos essenciais de exercício de inteligência e de ginástica mental, de comunicação e de informação. Afinal, o livro e a leitura moldaram definitivamente a nossa memória e identidade individual e coletiva, bem como a nossa visão do mundo. Haverá certamente tantos motivos ou razões justificativas da leitura quantos os leitores ou as situações de leitura. Podem variar significativamente os suportes físicos da leitura (das antiquíssimas placas de argila e dos rolos de pergaminho aos velhos códices medievais; do texto impresso ao atual hipertexto, passando pelo áudio-livro e pelo ebook). Podem variar as estratégias de intervenção e as atividades conducentes à motivação da prática da leitura. Podem alterar-se, mesmo significativamente, as imagens sociais atribuídas ao papel do livro e da leitura. Mas o livro continuará a ser um objeto ímpar de prazer; uma fonte insubstituível de informação; um meio de comunicação que lemos, e anotamos, guardamos e revisitamos, emprestamos e oferecemos, etc. (2008, p. 2).

Numa sociedade evoluída, mostra-se essencial a existência de cidadãos esclarecidos, aptos a exercer os seus direitos de cidadania. Para isso, é fundamental que todos tenham hábitos de leitura. É indispensável que se gere, desde a aprendizagem mais elementar, uma verdadeira educação do gosto pela leitura, à luz da ativa valorização do rico patrimônio literário e de uma dinâmica cultura do hábito de ler.

A leitura deve ser vista como sendo uma atividade, que estimula a conscientização, questionamento, criatividade e crítica, possibilita ao leitor se

aprimorar e usufruir os “bens culturais”; saiba se posicionar frente a assuntos diversificados. É preciso que se tenha consciência da importância da leitura, para a libertação dos educandos, explicitando que não basta ser apenas alfabetizado. Deste modo:

É importante ressaltar que a alfabetização, apesar de ser um componente essencial para a formação de leitores, não é suficiente, em si mesmo, para garantir a evolução da leitura numa sociedade. De que adianta “saber ler” se os objetos de leitura (livros, jornais, revistas, etc) não são colocados à disposição do indivíduo? (SILVA, 1983 p.23).

Se o gestor escolar pretende inserir sua escola no processo democrático, deve estimular a leitura nas séries iniciais até o final das atividades escolares dos educandos; partindo em primeiro lugar de uma metodologia de ensino da leitura que fomenta no educando o prazer de ler, desenvolvendo o senso crítico diante do que foi lido, relacionando-o com a realidade. Freire (1982, p. 34) enfatiza:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele [...] de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

É necessário que se destaque o papel do gestor escolar no que diz respeito, em especial, à condução de suas funções diante do contexto escolar, tendo em vista a necessidade de considerar todos os aspectos que venham a beneficiar o processo de ensino e aprendizagem, pois, em sendo o gestor escolar, mesmo havendo efetiva participação da comunidade de sua escola, a responsabilidade recai sobre ele, que será cobrado por essa mesma comunidade em caso de fracasso em decorrência das decisões tomadas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, por ser uma ação que pressupõe interdisciplinaridade, a leitura deve ser vista sob um enfoque pedagógico que a (super)valorize no que se refere à construção dos conhecimentos, bem como à valorização da cultura, sendo necessário que seja uma prática que envolva o comprometimento de todas as áreas na escola e, principalmente, da Gestão Escolar.

No entanto, ainda existem muitas dificuldades para a compreensão desta idéia, porque quando se fala em leitura na escola, esta é vista como de tarefa do professor de Português, o que acaba desobrigando todos os outros profissionais. E isto é extremamente questionável.

O professor pode ser um agente disseminador da leitura, assumindo o compromisso com a criança de proporcionar-lhe textos e atividades de interpretação de qualidade, que intervenham na formação de um cidadão mais crítico e reflexivo. Cabe ressaltar que, no caso da escola cuja Proposta foi objeto de análise, existe interesse por parte dos professores em estimular o gosto pela leitura, mas este não é reforçado pelos pais dos alunos.

Tal atitude dos pais se deve ao fato de os mesmos também não possuírem o hábito da leitura, característica comum dos dias de hoje, dominados pelo corre-corre e da força que a mídia televisiva e da comunicação virtual exerce sobre a grande maioria das pessoas.

Acrescenta-se, ainda, que num mundo com muitos apelos visuais, a escola não pode permanecer utilizando apenas o suporte escrito, precisa explorar os recursos tecnológicos ainda que de forma crítica, além de precisar ser um lugar de oportunidades, de contato com a tecnologia, com os livros, jornais, revistas, que na maioria das vezes, não fazem parte da vivência de grande parte das pessoas.

Ouve-se falar que os governantes não priorizam a questão da leitura, que a maioria das campanhas são estanques. Porém, se houver a intencionalidade da gestão escolar construída coletivamente e fixada nos documentos da escola,

certamente a leitura será uma demanda e as ações dos governantes serão o reflexo desta.

Porém, sem o apoio do gestor escolar, o professor não desenvolverá seu trabalho de modo eficaz, pois, como já se referiu anteriormente, é na pessoa do gestor escolar que se concentra a maior responsabilidade por decisões tomadas e, em não havendo maturidade e discernimento por parte do gestor, sem dúvida haverá poucos resultados positivos para a melhoria da escola.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Por Uma Educação Romântica*. 2º ed. Campinas: Papyrus, 2002.

\_\_\_\_\_. *Gaiolas ou Asas – A arte do vôo ou a busca da alegria de aprender*. Porto, Edições Asa, 2004, p. 23. Disponível em: [www.microeducacao.com.br/Artigos/RubemAlvesArquivo.htm](http://www.microeducacao.com.br/Artigos/RubemAlvesArquivo.htm) Acesso em 8 jun. 2009.

AMARAL, João J. F. *Como fazer uma Pesquisa Bibliográfica*. (2007) Disponível em: [br.geocities.com/abs5famed/bibliografia.pdf](http://br.geocities.com/abs5famed/bibliografia.pdf). Acesso em 04 abr. 2009.

AVELAR, Rodrigo. *Leitura: uma visão de suas variantes através de seu desenvolvimento na história*. (2008) Disponível em: [www.webartigos.com/articles/12878/1/leitura-uma-visao-de-suas-variantes-atraves...historia/pagina1.html](http://www.webartigos.com/articles/12878/1/leitura-uma-visao-de-suas-variantes-atraves...historia/pagina1.html) Acesso em: 12 mar. 2009.

BABIN P.; KOULOUMDJIAN, M.F. *Os Novos Modos de Compreender*. A geração do audiovisual e do computador; São Paulo: Paulinas, 1989.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. *Tipos de Pesquisa*. Disponível em: [www.scribd.com/doc/13259802/Como-Elaborar-Projetos-de-Pesquisa-ANTONIO-CARLOS-GIL-Editor...](http://www.scribd.com/doc/13259802/Como-Elaborar-Projetos-de-Pesquisa-ANTONIO-CARLOS-GIL-Editor...) Acesso em 20 mar. 2009.

BLATTMANN, Ursula; VIAPIANA, Noeli. *Leitura Instrumento de Cidadania*. Disponível em < [www.geocities.com/ublattmann/papers/ao55.html](http://www.geocities.com/ublattmann/papers/ao55.html). Acesso em 21 abr. 2009.

BRANCHER, Vantoir Roberto. *Altas Habilidades/Superdotação: diferentes conceitos e abordagens*. 2008. Artigo Monográfico (Pós-Graduação – Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria.

CAMINHA, Waléria. *O Papel do Gestor Escolar: Educar para a cidadania ou para a liberdade?* Disponível em <[www.webartigos.com/articles/17166/1/o-papel-do-gestor-escolar-educar-para-a-cidadania-ou.../pagina1.html](http://www.webartigos.com/articles/17166/1/o-papel-do-gestor-escolar-educar-para-a-cidadania-ou.../pagina1.html). Acesso em 23 abr. 2009.

CAMPOS JÚNIOR, Dioclécio. *Importância da Leitura*. Disponível em: [listas.cev.org.br/arquivos/html/cevsarau/2003-09/msg00001.html](http://listas.cev.org.br/arquivos/html/cevsarau/2003-09/msg00001.html). Acesso em: 12 mar. 2009.

CHARTIER, R. *Chartier vê revolução na história da leitura*. Folha da São Paulo. Caderno Mais! p.6-7, 28/11/93.

\_\_\_\_\_. *A leitura: uma prática cultural*. (Debate entre Roger Chartier e Pierre Bordieu). In: *Práticas e leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

DAL VESCO, Dionez Dal Pra; GALEAZZI, Márcia Sueli Marchesi. *Leitura e Interpretação na Diversidade Textual*. Disponível em: [www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoFundamental/LEITURA\\_INTERPRETACAO\\_DIVERSIDADE\\_TEXTUAL.pdf](http://www.pesquisa.uncnet.br/pdf/ensinoFundamental/LEITURA_INTERPRETACAO_DIVERSIDADE_TEXTUAL.pdf) Acesso em 20 abr. 2009.

DIAS, Cláudia; FERNANDES, Denise. *Pesquisa e método científicos*. Disponível em: [www.geocities.com/claudiaad/pesquisacientifica.pdf](http://www.geocities.com/claudiaad/pesquisacientifica.pdf) . Acesso em 22 mar. 2009.

ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2003.

ESPÍRITO SANTO, Eniel do. Pesquisa Bibliográfica. Disponível em [www.heliorocha.com.br/graduacao/publicidade/download/MEP/MEP\\_Pesquisabibliografica.doc](http://www.heliorocha.com.br/graduacao/publicidade/download/MEP/MEP_Pesquisabibliografica.doc) Acesso em 23 abr. 2009.

FRANÇA, Nilcéia Albuquerque; MOURA, Marivete Souta de. *Leitura e Cidadania*. (2008) Disponível em [www.tibagi.uepg.br/pex/conexasp/trabalhos/7065/artigo%20projeto%20leitura%20e%20cidadania%205](http://www.tibagi.uepg.br/pex/conexasp/trabalhos/7065/artigo%20projeto%20leitura%20e%20cidadania%205) Acesso em 22 abr. 2009.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural Para a Liberdade*. 6 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, UNESP: 2000.

GUIMARÃES, A.A. *O professor construtivista: desafios de um sujeito que aprende*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP. 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas, S. Paulo, 2004.



\_\_\_\_\_. *Oficina de leitura: Teoria e Prática*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

JESUS, Valdeck Almeida de. *Livro e Cidadania*. Disponível em: [www.artigonal.com/educacao.../livro-e-cidadania-933490.html](http://www.artigonal.com/educacao.../livro-e-cidadania-933490.html). Acesso em 23 mai. 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo. Ed. Atlas, 1985.

*LER E ESCREVER NÃO SÓ NA AULA DE PORTUGUÊS*. Equipe do Núcleo de Integração Universidade Escola, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS – NIUE/UFRGS. (2007) Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/ler/lertxt1.htm>> Acesso em 5 jun. 2009.

LÜCK, Heloísa. *Gestão educacional: uma questão paradigmática*. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto à Formação de seus Gestores*. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p.3-5, fev/jun. 2000.

MARTINS, Cândido Oliveira. Elogio do Livro e da Leitura. (1982) Disponível em: [alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/candid14.pdf](http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/zips/candid14.pdf)> Acesso em 20 abr. 2009.

MARTINS, Maria Helena. *O que é Leitura*. Porto Alegre: Brasiliense, 1982.

MENIM, Ana Maria da Costa Santos; SOUZA, Renata Junqueira de; JORGE, Márcia. *Sala de leitura: formando leitores literários*. (2006) Disponível em: [www.unesp.br/prograd/PDFNE2006/artigos/capitulo9/saladeleitura.pdf](http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2006/artigos/capitulo9/saladeleitura.pdf) Acesso em 18 abr. 2009.

MINAYO, M.C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, Diogo Vieira do; SILVA, Fabiana da. *Leitura na escola – reflexões pedagógicas sobre os processos de formação de leitores e escritores na educação infantil, jovens e adultos*. Disponível em: [www.leiturasnaescola.org/textos/oficinas/textos\\_completos/leitura\\_na\\_escola.pdf](http://www.leiturasnaescola.org/textos/oficinas/textos_completos/leitura_na_escola.pdf). Acesso em 12 abr. 2009.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. *Ler e Escrever*. Compromisso de Todas as Áreas. 5º ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. *Gestão Educacional: novos olhares, novas abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2005, 119p.

O NOME DA ROSA. Direção: Jean-Jacques Annaud. Drama. 130 minutos. Itália, Alemanha, França.

PARO, Vítor Henrique. *Gestão democrática da escola pública*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. *Análise de conteúdo*. 2 ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

RIOS, Clara Maria Almeida. *Tecnologias em Educação de Jovens e Adultos: em busca de novas proposições*. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 14, n. 23, p. 63-72, jan./jun., 2005

RODRIGUES, Neidson. *Entrevista com Paulo Freire*. Conhecimento científico e saber popular. Porto Alegre, nº 7, p. 6-8, 2000. Caderno.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Unidades de Leitura – Trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Teoria e prática da leitura: eis o que falta ao nosso bibliotecário*. ExtraLibris, 2006. Disponível em: <[http://academica.extralibris.info/educacao/teoria\\_e\\_pratica\\_da\\_leitura\\_ez.html](http://academica.extralibris.info/educacao/teoria_e_pratica_da_leitura_ez.html)>.

\_\_\_\_\_. *Elementos de pedagogia da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Leitura & Realidade Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

## ANEXO I

### 1. ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	02
1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	03
2- EQUIPE DIRETIVA DA ESCOLA	03
3- CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE	06
4- FINS E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA	15
5- PRINCÍPIOS E DIRETRIZES PARA A ESCOLA CIDADÃ	20
6- SÍNTESE DA FILOSOFIA DA ESCOLA	26
7- OBJETIVOS	27
7.1- Da Escola	27
7.2- Do Ensino Fundamental e do Ensino Médio	27
7.3- Do Curso Normal, de Nível Médio	27
7.4- Do Técnico em Contabilidade, Nível Médio	27
8- METAS	28
9- ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	31
10- AVALIAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	34
11- BIBLIOGRAFIA	35
ANEXOS	36

#### 1.1. APRESENTAÇÃO

Este projeto está sendo construído em conjunto com a comunidade escolar, a partir da realidade existente, considerando as contribuições dos envolvidos, buscando a melhoria do processo educativo.

Num primeiro momento foram chamados à discussão os segmentos da comunidade escolar, com o objetivo de manifestarem-se no que diz respeito às percepções, intenções e insatisfações em relação à Escola.

O chamamento foi motivo de desconfiança, pois a participação foi entendida como cumprimento de algo estipulado pelos outros. Constatou-se que a revolta, insatisfação, a descrença estavam presentes em quase todos os encontros, nos diversos segmentos, pois já, em outras épocas, tinham sido chamados para participar e ouvir discursos que enfatizavam a mudança, porém, na prática nunca conseguiram ser sujeitos do processo.

A comunidade tem sido chamada para participar coletivamente das decisões administrativas e pedagógicas da Escola, porém, apenas uma pequena parcela tem revelado uma postura participativa e comprometida, pois a maioria ainda não se sente parte desse processo.

Transformar a Escola não é fácil nem rápido, embora seja urgente, pois trabalhar de um jeito novo, na Educação, significa pensar de maneira diferente o ato de ensinar.

O Projeto Pedagógico é a chave da Gestão Democrática. A cada ano faz-se necessário a sua reavaliação e, em alguns casos, reformulação.

## 1- DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1- Nome da Escola: X

1.2- Endereço: X

1.3- Telefone/fax: X

1.4- Cidade: Soledade

1.5- Coordenadoria: 25ª CRE

1.6- Vigência: a partir de 2002

## 2- EQUIPE DIRETIVA DA ESCOLA

[...]

2.6- Total de Professores na Escola: 78

2.6.1- Total de Professores em Regência de Classe: 59

2.6.2- Pessoal Técnico-Administrativo-Pedagógico: 17

2.6.3- Especialista em Educação: 2

2.6.4- Total de Funcionários: 9

2.6.5- Total de Alunos: 984

2.7- Representantes do Conselho Escolar:

[...]

2.7.5- As reuniões acontecem mensalmente e extraordinariamente conforme Estatuto

2.8- Representantes do Círculo de Pais e Mestres:

[...]

2.8.8- As reuniões acontecem mensalmente e extraordinariamente conforme Estatuto.

2.9- Representantes do Grêmio Estudantil:

[...]

2.9.12- As reuniões acontecem semanalmente com a diretora e quando necessário com os líderes de turma. Assembléia Geral, no mínimo, duas vezes por semestre.

## 3- CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE

A comunidade do Instituto Estadual de Educação, em seus depoimentos, expressa uma visão de sociedade capitalista, materialista, competitiva, individualista, injusta, discriminatória, excludente, cujos reflexos recaem na desintegração da família, na desigualdade social, no desemprego, na desesperança, na decadência de valores e na falta de satisfação das necessidades básicas.

Comprova-se esta visão de sociedade, através de declarações feitas pela comunidade escolar:

“A sociedade hoje, está longe de ser democrática, pois toda a riqueza gerada por ela está sendo concentrada nas mãos de poucas pessoas (burguesia). A democracia existe apenas no papel, mas na prática não se realiza, pois na maioria das nações é grande o contingente de pessoas que vivem na miséria, ou pessoas que passam necessidades, principalmente nos países subdesenvolvidos, que são resultado de um sistema sócio-político-econômico, chamado capitalismo”.

“A sociedade hoje é competitiva, movida pelo capitalismo neoliberal, onde quem tem mais tende a ter sempre mais e quem tem menos tende a ter sempre menos”.

“A sociedade em que vivemos é injusta, cheia de preconceitos, com muita corrupção e desemprego e precisa ser melhorada em muitos aspectos, mas possui poucas pessoas dispostas a contribuir para que isso aconteça”.

“A descrença na melhoria do futuro faz com que se deixe os problemas passarem indiferentemente. A corrupção, a fome, a violência, o medo são hoje as principais marcas sociais”.

“Apesar da modernização e dos novos conceitos éticos, a sociedade continua muito preconceituosa em relação aos negros e homossexuais, pois só são aceitos na sociedade pessoas famosas ou com capital, ou seja, se a pessoa for homossexual ou negra só é aceita se enquadrada num dos fatores citados acima”.

"A sociedade está cada vez mais influenciada pelos meios de comunicação de massa, por isso, esses têm enorme poder de formar opiniões, na maioria das vezes, sem nenhuma responsabilidade".

A falta de valorização da educação e a má distribuição dos recursos financeiros repercutem desfavoravelmente na autonomia financeira e administrativa das escolas e na remuneração condigna dos professores.

A escola, como parte deste contexto, sofre influências e encontra-se em conflito, tentando compreender esta realidade, vislumbrando ideais para concretizar um projeto educativo que aponte mudanças almejadas pela comunidade.

Soledade está inserida neste contexto apresentando uma população em torno de 30.000 habitantes e está localizada no Planalto Rio-grandense, no alto da Serra do Botucaraí, a 720 metros acima do nível do mar. Do ponto de vista étnico-cultural é heterogênea, resultado da mistura de várias etnias: portuguesa, italiana, alemã, árabe, afro e outras, ocasionando uma diversidade cultural e transformando sua geografia.

Economicamente o Município é baseado na pecuária, agricultura e comércio de pedras. O poder econômico encontra-se nas mãos de uma pequena minoria. A oferta de trabalho é limitada apresentando baixos salários, com 50% da população vivendo com menos de um salário mínimo. O percentual de analfabetismo ainda é elevado.

A comunidade possui dificuldade na organização de movimentos sociais e da sociedade civil, ainda é pequeno o número de pessoas que se envolvem em ações comunitárias e espera-se do Poder Público a maioria das ações.

O Instituto Estadual de Educação situa-se na zona central da sede do município. Mantém a Educação Infantil – Pré-Escola, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal em Nível Médio e Técnico em Contabilidade de Nível Médio. A Escola é constituída por três prédios de alvenaria, sendo um deles destinado à parte administrativa, setores e salas especiais, e os dois prédios restantes são destinados às salas de aulas. Os prédios encontram-se em bom estado de conservação. O espaço físico disponível para a prática de Educação Física e recreação é restrito, pois os prédios ocupam grande parte do terreno. Além do espaço ser (sic) reduzido é inadequado à prática esportiva, pois o local é aberto e o barulho prejudica a atenção e a concentração dos alunos em sala de aula.

A escola dispõe de uma biblioteca cujo acervo está em fase de informatização, porém é insuficiente para atender às necessidades dos diversos cursos. Além disso, o espaço físico é pequeno.

Existe um só Laboratório de Ciências, que atende as disciplinas de Biologia, Ciências, Química e Física, sendo o equipamento reduzido, principalmente para a Física. Existe também um Laboratório de aprendizagem que atende os alunos do Ensino Fundamental e Curso Normal, nas diferentes áreas. A Escola dispõe ainda de um Laboratório de Informática equipado com computadores e impressoras, com poucos programas e recursos humanos insuficientes para atendimento à totalidade

do alunado da Escola. Há, também, uma sala de projeção equipada com aparelhos de som, TV, Vídeo, antena parabólica e uma pequena videoteca.

Na Escola desenvolvem-se os projetos de Arte e Educação, em horário extraclasse, para os alunos de 1ª a 3ª série do Curso Normal; Observação, Monitoria e Práticas Pedagógicas em classes de Pré a 4ª série do Ensino Fundamental, no Curso de Aplicação e em Escolas Estaduais da Cidade, pelos Alunos de 2ª a 4ª Série do Curso Normal; Valorização da Vida envolvendo alunos do Ensino Fundamental e Médio; Informática Educativa com implantação gradativa para toda a Escola; Estudos de Recuperação Paralela ao Período Letivo, em horário extraclasse para todos os alunos dos Cursos em funcionamento no diurno.

Os encontros pedagógicos com os professores do Ensino Fundamental e Médio, Curso Normal e Técnico em Contabilidade acontecem semanalmente e para professores do Ensino Médio Noturno, sempre que necessário.

A Escola não dispõe de recursos humanos habilitados para ministrar mais de uma Língua Estrangeira Moderna e Informática, disciplinas essas, muito solicitadas pela Comunidade Escolar.

A comunidade escolar vê a Escola como uma instituição pouco criativa, carente de tecnologia, individualista, autoritária, competitiva, tradicional, preocupada apenas em passar conhecimentos e com a preparação para o vestibular, não incentivando o esporte, a integração e eventos culturais.

Segundo os Professores, a escola revela uma prática comportamentalista, bancária, faz-se isoladamente tentativas de novas práticas e mudanças, mas são insignificantes no contexto, por falta de vontade, comprometimento e conhecimento. As práticas desenvolvidas estão privando os sujeitos de serem críticos, criativos, solidários, autônomos, democráticos, participantes, transformadores, reforçando o sistema vigente.

A Escola se defronta com várias concepções de conhecimento: empirismo, inatismo e interacionismo. Isso ocorre pela falta de clareza das pessoas envolvidas sobre os referenciais teóricos, dificultando a compreensão e definição consciente.

Segundo os pais, a educação nesta escola, na Educação Infantil – Pré-Escola e nas séries iniciais do Ensino Fundamental está bem, evoluiu. A preocupação é a partir da 5ª Série, principalmente quanto aos valores. Os alunos devem aprender e não decorar. Trabalhar conhecimentos práticos, valores, valer-se da interdisciplinaridade. O que está sendo ensinado atende às necessidades do(s) filho(s), do pré a 4ª Série. Já de 5ª a 8ª Série, algumas disciplinas atendem, outras não. O nível de ensino é bom.

A comunidade escolar acredita que o bom desempenho e a aprovação do trabalho realizado na Educação Infantil – Pré-Escola e nas séries iniciais, do Ensino Fundamental é resultado de uma Proposta Pedagógica, que vem sendo desenvolvida há vários anos, favorecendo a integração dos professores atuantes, nestas séries, com os(as) alunos(as) do Curso Normal. Este trabalho só é possível, porque esses professores possuem dedicação exclusiva, tendo disponibilidade, comprometimento e vontade para estudo, planejamento e aplicação.

Segundo os alunos, alguns professores são excelentes, esforçados, abertos, atualizados, inovadores e criativos, com interesse em ensinar e com ótima freqüência. Enquanto que outros estão apenas preocupados com a quantidade de conteúdos a serem passados e não com a qualidade, são descomprometidos com a aprendizagem, não respeitando a individualidade dos alunos, com falta de ética, despreparados, sem manejo de classe, desorganizados em seu material e utilizando

métodos desatualizados, contribuindo para sua desvalorização como profissionais em Educação.

Segundo a Comunidade Escolar, os conteúdos são desvinculados da realidade, desinteressantes, estanques, pouco explorados e aprofundados e a metodologia é não participativa, com pouca utilização dos recursos existentes, teoria desvinculada da prática, pesquisas mal orientadas, aulas monótonas, desinteressantes, mal preparadas, com atividades pouco reflexivas, falta de interdisciplinaridade, falta de adequação às características dos cursos. A avaliação é punitiva, discriminatória, classificatória, de memorização e baseada em provas, em grande parte das disciplinas.

O nível sócio-econômico do alunado é heterogêneo.

Os alunos da Educação Infantil – Pré-Escola e do Ensino Fundamental e uma parte do Ensino Médio, do diurno, são oriundos de famílias cujo nível de instrução predominante dos pais é Ensino Médio e Curso Superior. A situação econômica destas famílias é mais favorável do que dos demais alunos da Escola.

Quase a totalidade dos alunos do Ensino Fundamental inicia seus estudos na escola a partir da Educação Infantil – Pré-Escola. Já os alunos do Ensino Médio, turno da manhã, são egressos de diferentes escolas da sede do município.

Constata-se a imaturidade e a falta de hábitos de estudo da grande maioria dos alunos e defasagem de conhecimentos dos egressos do Ensino Fundamental.

No Curso Normal predomina o Ensino Fundamental Incompleto como grau de instrução dos pais, já no Ensino Médio Noturno é o Ensino Fundamental Completo que se destaca.

Os alunos que freqüentam o Curso Normal e o Ensino Noturno, em sua grande maioria, são oriundos da periferia, da Zona Rural e de outros municípios da região, dependendo do transporte escolar, com carências de recursos para a aquisição de material e merenda escolar.

O que diferencia os alunos do Ensino Noturno dos do Curso Normal é que os primeiros, na sua grande maioria, são trabalhadores, enquanto que, os do Curso Normal, pela estrutura do Curso não trabalham com carteira assinada, sendo algumas auxiliares em casas de família.

Constata-se ainda, que as atividades exercidas pelos egressos do Curso Normal, formados a partir de 1994, distribuem-se entre:

- funcionários no comércio: 38,00%
- em exercício no Ensino Municipal: 13,00%
- em exercício municipal e privado e cursando Faculdade: 17,30%
- cursando Faculdade de Educação: 14,40%
- sem atividade: 17,30%

Para a análise do movimento de alunos reprovados e evadidos, a Escola toma por base o período de 1990 a 2000.

No Ensino Fundamental, que compreende de 1ª a 8ª Série, observa-se uma alternância, em todas as séries de alunos reprovados, até o ano de 1997, sendo que a partir de 1998 há uma visível melhora em todas as séries, com exceção da 1ª Série; quanto à evasão, a partir de 1996 passa a inexistir em todas as séries (Gráficos de 1 a 8).

No Ensino Médio, diurno e noturno, a maior incidência de reprovação e evasão acontece nas primeiras e segundas séries, com pequena predominância na primeira série. A reprovação, neste curso, dá-se nas disciplinas de Matemática, Física e Química. Observa-se que a partir do ano de 1998, após a ampliação da carga horária dessas disciplinas, reestudo da avaliação e Conselho de Classe, há um

pequeno decréscimo quanto reprovação, principalmente no diurno (Gráficos de 9 a 11).

No Curso Normal em Nível Médio, pelas características do alunado, observa-se o acréscimo e decréscimo a cada ano tanto da reprovação como da evasão em todas as séries, ocasionado, em muitos casos, pela infreqüência, devido a necessidade de priorizar o trabalho ao estudo, e, também, pela indefinição do curso para o mercado de trabalho, a discriminação em relação ao próprio curso e o elevado grau de exigência (Gráficos de 12 a 15).

No Curso Técnico em Contabilidade de Nível Médio – Blocos 1 e 2 – apresenta dados a partir de 1999, data de início do referido curso, em substituição ao modelo anterior. Na coluna dos reprovados está incluída a evasão, que na grande maioria acontece pela infreqüência, pois o aluno que procura este curso já está no mercado de trabalho e, entre estudo e trabalho, por necessidade, prioriza este último. Mesmo assim, é preocupante o elevado número de alunos que não ingressam no bloco seguinte. Observa-se, ainda, pela análise dos dados apresentados, que não está havendo alterações significativas quanto a evasão e reprovação, do curso anterior para este em andamento. As justificativas apresentadas pelos alunos pela procura do curso e posterior abandono são: a falta de opção de outros cursos profissionalizantes, a impossibilidade de cursar uma faculdade, a excessiva carga horária de trabalho, dificuldades familiares e o elevado grau de exigência do curso (Gráficos 16 a 21).

Predomina na comunidade escolar a crença na religião Católica. No entanto, tem crescido o número de alunos da crença evangélica e da doutrina espírita.

Quanto à família, a comunidade escolar aponta a desagregação familiar, as relações conflituosas, a falta de incentivo e acompanhamento escolar, a falta de respeito dos jovens com os mais velhos, filhos com falta de orientação e limites. Nota-se uma decadência dos valores morais e espirituais. Observa-se uma inversão de valores que se reflete nas relações interpessoais e na destruição dos bens da escola e da comunidade.

#### 4- FINS E PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A Educação Básica (conforme LDB, Art. 3º), orienta-se pelos princípios:

- igualdade de condições para o acesso e permanência na Escola;
- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- valorização do professor e da educação escolar;
- gestão democrática do ensino público na forma da Lei e da Legislação de Ensino;
- garantia de padrão de qualidade;
- valorização da experiência extra-escolar;
- vinculação da educação escolar e as práticas sociais.

A Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.



A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A Educação Infantil orienta-se nos seguintes princípios:

- Éticos da Autonomia: respeito, solidariedade e respeito ao bem comum;
- Políticos: cidadania, criticidade e ordem democrática;
- Estéticos: sensibilidade, criatividade, ludicidade, diversidade de manifestações artísticas e culturais.

A Educação Infantil deve realizar as funções de cuidar e de educar, promovendo, na sua prática pedagógica a integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, sociais, cognitivos e lingüísticos. As atividades previstas devem considerar a construção do aprendizado sobre si mesmo, a sociedade e a natureza, através da interação entre as diversas áreas do conhecimento e da vida cidadã, sustentados nos seguintes princípios:

- respeito à dignidade e aos direitos da criança;
- direito das crianças a brincar;
- acesso das crianças aos bens culturais e sócio culturais disponíveis;
- socialização;
- utilização de diferentes linguagens: corporal, musical, plástica, oral e escrita.

O Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do Cidadão, mediante:

- o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

O Ensino Fundamental tem como princípios norteadores:

- Princípios Éticos: autonomia, responsabilidade, solidariedade e respeito ao bem comum.
- Princípios Políticos: cidadania, criticidade e ordem democrática.
- Princípios Estéticos: sensibilidade, criatividade, diversidade de manifestações artísticas e culturais.

O Ensino Fundamental deverá articular propostas voltadas à comunidade local e mundial; à Educação Fundamental e Vida Cidadã; ao aprendizado de conhecimentos e valores e à formação de cidadãos, através de projetos e atividades do interesse de suas comunidades. O trabalho escolar deverá ser cooperativo e concentrar-se no aperfeiçoamento de estratégias educacionais que favoreçam a aprendizagem.

O Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, tem como finalidade:

- a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando prosseguimento de estudos;
- a preparação básica para o trabalho e cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluída a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

O Ensino Médio tem como princípios norteadores:

- Estética da sensibilidade: criatividade, invenção, iniciativa e curiosidade.
- Política da igualdade: direitos e deveres e busca da igualdade.
- Ética da identidade: humanismo, respeito e sensibilidade.

Estes princípios abrangem os valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, ao respeito ao bem comum, à ordem democrática, aos vínculos de família e laços de solidariedade e de tolerância recíproca.

A proposta pedagógica e currículo incluirá competências básicas, entre elas:

- capacidade de aprender e continuar aprendendo;
- conhecimento sobre o mundo físico e material; e realidade social e política;
- significado das ciências, letras e artes;
- domínio de princípios e fundamentos científico-tecnológicos;
- competências no uso de linguagens contemporâneas e Língua Portuguesa.

A organização curricular do Ensino Médio deverá garantir:

- conteúdos como meios para garantir competências;
- uso de linguagens para construir conhecimentos e competências;
- metodologias que estimulem a reconstrução, o raciocínio, a experimentação, a resolução de problemas;
- vinculação das citações de aprendizagem, à afetividade.

O Ensino Médio tem como marcos norteadores da ação pedagógica:

- interdisciplinaridade e contextualização;
- identidade, diversidade e autonomia;
- desenvolvimento de processos mentais;
- integração de conhecimentos, competências e habilidades;
- relação teoria e prática;
- aplicação do conhecimento com a experiência do aluno;
- vinculação com a realidade.

## 5- PRINCÍPIOS E DIRETRIZES PARA A ESCOLA CIDADÃ

A Comunidade Escolar busca uma mudança de paradigma educacional, almejando uma escola democrática, igualitária, de qualidade, com liberdade de pensamento, criativa, humana, mais participativa, voltada para a cultura, com profissionais competentes e valorizados, que colabore para a construção de uma sociedade mais justa, mais ética, com mais segurança, com maior credibilidade, com instituições mais atuantes e comprometidas, com maiores perspectivas de trabalho, onde todos tenham os mesmos direitos e deveres e possam exercer sua cidadania.

O homem desta sociedade deve ser crítico, criativo, participativo, autônomo, transformador, solidário, justo, honesto, responsável e autoconfiante. Para a formação desse sujeito são necessárias práticas pedagógicas que partam de situações problema, possibilitando ao aluno alternativas para tomar decisões e encontrar soluções.

A comunidade entende que educar não é tarefa só da Escola e da Família, mas de todas as instituições da sociedade. A Escola é o lugar de produção de conhecimento, de idéias, de compreensão da realidade, de preparação para a vida, para que sejamos felizes. A vivência de valores deve ocorrer tanto na família como na escola, refletindo na sociedade como um todo.

Solidariedade, honestidade, espiritualidade, responsabilidade e respeito são os valores que Pais, Alunos, Professores e Funcionários priorizaram para que sejam vivenciados na Família e na Escola.

Segundo a Escola currículo é a organização do conhecimento escolar na interação entre os sujeitos que tenham um mesmo objetivo e uma opção por um referencial teórico que o sustente, considerando todas as experiências vivenciadas no contexto social e cultural. É um instrumento amplo, dinâmico, ideológico explicitado pela prática. Visa a integração no processo educativo para construção coletiva do conhecimento escolar, proporcionando momentos de diálogo e participação, em que os segmentos da comunidade possam expressar-se e partilhar idéias para compreender a realidade, fomentando ações para melhorá-la, numa concepção dialética e mediadora de conhecimento.

A Escola entende:

- Educação como processo permanente de desenvolvimento do homem em sua totalidade social, física, intelectual e afetiva e formação de sujeitos críticos frente à realidade.

- Conhecimento como sendo um processo de construção e reconstrução permanente, que ocorre de forma individual e coletiva, em intercâmbio com os saberes já existentes, aliando teoria à prática na interação social, integrando a Educação Ambiental à totalidade do Currículo Escolar.

Para que o ensino-aprendizagem ocorra como um processo dinâmico, há necessidade da apropriação, pelo professor, das teorias de aprendizagem, entendendo que aprender não é um processo mecânico provocado apenas pelas condições externas (teorias associacionistas); aprender implica, também, no desenvolvimento das estruturas internas (teorias mediacionais).

A concepção de aprendizagem envolve múltiplas teorias:

- É um processo ativo e global (Gestalt).

- É um processo de construção do conhecimento que se dá a partir de desequilíbrios e equilíbrios, passando por etapas sucessivas de desenvolvimento do pensamento. O fazer, a maturação e a interação social são fatores responsáveis pela passagem de uma etapa do desenvolvimento mental para a seguinte. O conhecimento novo deve apoiar-se no saber já existente, tornando a aprendizagem significativa (Piaget – Ausubel).

- É um processo em constante movimento e transformação, ocorre através das zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial em interação através da linguagem, garantindo a formação de conceitos. Aprender requer a capacidade de análise, síntese, abstração e generalização. Ocorre em redes construídas social, individualmente e em permanente atualização (Vigotsky – Rubstein – Wallon).

Embasada nestas teorias, a Escola busca uma educação progressista e emancipadora, fundamentada nas concepções pedagógicas Libertadora e Crítico-Social dos Conteúdos, num enfoque dialético visando humanizar, conscientizar e desenvolver o aluno na sua totalidade, despertando-o para o compromisso no processo de transformação da sociedade.

Para a operacionalização da proposta é necessário que o professor tenha disposição para realizar estudos permanentes e espaço para participar de encontros sistemáticos na Escola, dentro do seu horário de trabalho, para refletir, discutir, trocar idéias e planejar, realizando a reflexão crítica de sua prática, em confronto com a teoria.

O aluno deve ser o sujeito de sua própria aprendizagem e a escola precisa capacitá-lo para buscar informações, construir projetos e interagir no meio em que vive. Isso exige desequilíbrio, desestruturação e desacomodação.

A Escola entende a cultura como sendo as múltiplas vozes do povo: crianças, jovens e adultos, cercados de desejos, sonhos, lutas, conquistas e derrotas, trocas, falares,

enfim, peculiaridades que formam o indivíduo e devem ser consideradas e respeitadas, a fim de que se possa construir uma sociedade mais humana, unindo a cultura acadêmica à popular.

O professor precisa ter consciência do seu papel, ser responsável, dinâmico, competente, aberto e receptivo, comprometido com a proposta da Escola, com o desenvolvimento individual e com a transformação social, tendo atitude crítica e de permanente reflexão sobre seu fazer pedagógico, fundamentado em teorias que lhe permitam resignificar e reestruturar sua prática. Deve preocupar-se com a qualidade de ensino, sendo ético, organizado, exigente, criativo, atualizado e mediador do conhecimento, a partir de uma visão holística e global da conduta humana, considerando o aluno como um todo.

Os conteúdos devem ser organizados em seqüência lógica e significação psicológica, respeitando a possibilidade de compreensão pelo aluno, atendendo suas necessidades, voltados para a realidade, com integração entre as disciplinas, atualizados e aprofundados, trabalhando conhecimentos práticos, úteis para a vida e de forma criativa, que os alunos aprendam a aprender e não simplesmente memorizem ou decorem e que exercitem a cidadania no cotidiano da Escola.

Os alunos sugerem o aprofundamento dos temas a seguir relacionados que serão trabalhados através de temas geradores e projetos interdisciplinares: Problemas Sociais, Meio Ambiente, Saúde, Sexualidade, Cultura local, regional, nacional e de outros países, Economia, Educação, Adolescência, Tecnologia e Espiritualidade.

A metodologia utilizada deve ser ativa, diversificada, criativa, interdisciplinar, participativa, dinâmica, interessante, que as aulas sejam bem preparadas com atividades reflexivas e desafiadoras, criando situações que gerem desequilíbrios cognitivos, despertando a curiosidade, a dúvida a investigação e a criação, num ambiente em que, além de ensinar, o professor aprende, e o aluno, além de aprender, ensina. As pesquisas devem ser bem orientadas, evidenciando a importância da busca do conhecimento e que a metodologia seja adequada aos cursos.

Os recursos existentes devem servir para criação e implementação de novos métodos, utilizando a tecnologia como instrumento de apoio para a transformação.

A avaliação deve constituir-se numa reflexão crítica da realidade, detectando as necessidades e problemas do processo educativo, buscando alternativas para resolvê-los.

A Escola busca uma mudança na avaliação, superando a avaliação classificatória, autoritária e competitiva, em favor da avaliação emancipatória que possa promover a aprendizagem de todos os alunos, sob a ótica da inclusão. Entende-se que esta nova concepção de avaliação exige uma reformulação da prática pedagógica, a partir da revisão das concepções de aprendizagem e participação do professor como sujeito no processo de mudança, superando a cultura de reprovação e mera aprovação para um ensino de qualidade.

Para que esta AVALIAÇÃO realmente se concretize, é imprescindível a reflexão constante, por parte do professor sobre o que é avaliar, para quê avaliar, como avaliar e qual a melhor forma de expressar os resultados. Estar disposto, também, à auto-avaliação e aberto à avaliação pela comunidade escolar, revisando seus métodos de avaliação a partir da análise da ideologia subjacente nos mesmos.

A avaliação do aluno dar-se-á como um processo contínuo e cumulativo, dando-se maior ênfase aos aspectos qualitativos que aos quantitativos, com função diagnóstica e formativa, priorizando a reflexão, caracterizando-se pelo acompanhamento do nível de conhecimento, competência e habilidade e com a

preocupação em diagnosticar acertos e erros, procurando sanar imediatamente as dificuldades dos alunos, sem deixar para o final do bimestre ou final do ano. Esta concepção de avaliação emancipatória, já ocorre, de 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental e será estendida progressivamente às demais Séries.

A Escola oportuniza estudos de recuperação paralelos ao período letivo, para auxiliar o aluno a dirimir as dúvidas e superar dificuldades surgidas no decorrer do processo ensino-aprendizagem, sempre acompanhados pelo professor, em sala de aula durante o ano letivo e, também, no turno inverso para os alunos dos Cursos oferecidos durante o dia. Para os alunos dos Cursos da noite os estudos de recuperação são realizados em sala de aula durante o ano letivo, e também, no primeiro e segundo semestres após a conclusão da Carga Horária e Dias Letivos previstos.

Para avaliação da Escola, buscar-se-á a reflexão constante sobre o fazer pedagógico e as relações internas e externas, oportunizando um diálogo permanente entre todos os segmentos da Comunidade Escolar, através da análise, discussão e acompanhamento efetivo do trabalho realizado pela Escola para o alcance dos objetivos e metas estabelecidas coletivamente.

## 6- SÍNTESE DA FILOSOFIA DA ESCOLA

A Escola tem como princípio a vivência democrática e humanista, promovendo a construção do conhecimento e o desenvolvimento de competências necessárias à vida cidadã. Ao lado de uma gestão integrada e aberta ao diálogo, a comunidade escolar participa de um projeto coletivo de sociedade, tomando decisões conjuntas e delineando a Escola como uma instituição que necessita estar em constante estudo e em permanente reflexão, com uma visão clara, definida e responsável por seus rumos, centrada na ação educativa de qualidade e acreditando na educação como agente transformador do homem e do mundo.

## 7- OBJETIVOS

### 7.1- Da Escola

Oportunizar à comunidade escolar a reflexão sobre a realidade social contextualizada, buscando a construção permanente do conhecimento e a vivência de valores.

### 7.2- Do Ensino Fundamental e do Ensino Médio

Proporcionar ao aluno a construção dos conhecimentos, o desenvolvimento integral e a reflexão crítica para a prática da cidadania.

### 7.3- Do Curso Normal em Nível Médio

Possibilitar a construção e sistematização de conhecimento e vivências pedagógicas para a construção de um profissional consciente e ativo na sociedade.

### 7.4- Do Curso Técnico em Contabilidade de Nível Médio

Oportunizar ao aluno uma visão ampla da Área de Gestão, conhecimentos e competências específicas do Técnico em Contabilidade, buscando qualidade profissional, atualização permanente e comprometimento com a realidade social.

## 8- METAS

8.1- Oferecer formação contínua, permanente e atualizada para professores e funcionários.

- 8.2- Incentivar os professores para a participação em eventos, cursos e encontros que possibilitam um repensar sobre a prática.
- 8.3- Aumentar os índices de aprovação no Ensino Médio e Curso Normal e diminuir as evasões no noturno, através de um processo contínuo de valorização do estudo, envolvendo toda a Comunidade Escolar.
- 8.4- Orientar a Comunidade Escolar sobre a implantação do novo processo de avaliação.
- 8.5- Buscar maior envolvimento e participação dos pais na vida da Escola, com o auxílio do CPM, Conselho Escolar e Grêmios Estudantis.
- 8.6- Organizar e oferecer oficinas pedagógicas de Matemática, Leitura, Artes, Estudos Sociais, Esportes, entre outras, em horário extraclasse.
- 8.7- Buscar junto aos órgãos competentes recursos humanos habilitados para ampliar a oferta de mais uma língua estrangeira (espanhol) e Informática.
- 8.8- Buscar e manter profissionais identificados com o Curso Normal.
- 8.9- Formular acordo com escolas estaduais da cidade, que estejam abertas para o desenvolvimento e execução de metodologia segundo a proposta pedagógica do Curso Normal, promovendo estudos com professores titulares, coordenação pedagógica e direção, destas Escolas, buscando unidade na linha de ação.
- 8.10- Oferecer palestras e seminários interdisciplinares para alunos e professores do Curso Técnico em Contabilidade, Área Gestão.
- 8.11- Oferecer novo Curso Profissionalizante, de acordo com as sugestões levantadas pela Comunidade.
- 8.12- Organizar e oferecer curso de curta duração, de qualificação profissional para o atendimento das demandas do mercado.
- 8.13- Montar laboratório de informática, para atender as necessidades do Curso Profissionalizante.
- 8.14- Oferecer assessoria de Comunicação e Expressão, através de projeto, aos alunos do Curso Técnico em Contabilidade-Área de Gestão, durante as Práticas Profissionais.
- 8.15- Ampliar a Biblioteca, acervo e equipamentos a médio e longo prazo.
- 8.16- Ampliar e atualizar o acervo do Laboratório de Informática e abranger gradativamente todos os alunos da Escola no Projeto Informática na Educação.
- 8.17- Ampliar o Laboratório de Biologia, Química e Física, equipando-o adequadamente para o melhor atendimento aos alunos.
- 8.18- Concluir o Pavilhão de Esportes.
- 8.19- Desenvolver projetos envolvendo a Escola e a Comunidade a partir da realidade contextualizada.
- 8.20- Dar continuidade:
- 8.20.1- Ao projeto Arte e Educação, em horário extraclasse, para os alunos do Curso Normal em Nível Médio.
- 8.20.2- Aos Encontros Pedagógicos semanais com Professores do Ensino Fundamental, Médio, Curso Normal e do Curso Profissionalizante.
- 8.20.3- Aos Estudos de Recuperação paralelo ao período letivo em horário extraclasse para os alunos do diurno.
- 8.20.4- Ao Projeto de Valorização da Vida, das Profissões e da Feira da Criatividade.
- 8.20.5- Aos projetos desenvolvidos pelos alunos do Curso Normal: Recreio Orientado; Teatro nas Escolas; Construindo Materiais Pedagógicos; Hora do Conto; Integração Escola X Comunidade; Pré-Estágio e Estágio Supervisionado.

## 9- ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

A Escola oferece os seguintes níveis e modalidades de Ensino: Educação Infantil – Pré-Escola para alunos com idade a partir de cinco anos e seis meses, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Curso Normal em Nível Médio e Técnico em Contabilidade de Nível Médio.

A Educação Infantil – Pré-Escola e as Séries Iniciais de 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental, constituem Curso de Aplicação para Laboratório de Investigação e Experiências Pedagógicas do Curso Normal.

Com relação ao currículo e atendendo aos anseios da Comunidade Escolar, a Escola optou pela organização em Séries Anuais, nos diversos cursos oferecidos, com exceção do Curso Técnico em Contabilidade que será realizado em módulos.

Na Educação Infantil – Pré-Escola e de 1ª a 4ª Série do Ensino Fundamental, a carga horária mínima anual é de 800 horas, distribuídas por no mínimo de 200 dias de efetivo trabalho escolar.

De 5ª a 8ª Série do Ensino Fundamental a carga horária a ser trabalhada é de 840 horas anuais, distribuídas nas diversas disciplinas por no mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar.

No Ensino Médio diurno, com duração mínima de três anos, a carga horária desenvolvida nas diversas áreas do conhecimento é de 851 horas anuais, por série, totalizando 2.553 horas ao final do Curso, distribuídas por no mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar.

O Ensino Médio Noturno, com duração mínima de três anos, a carga horária desenvolvida é de 800 horas anuais, no mínimo, por série, distribuídas por no mínimo de 200 dias letivos de efetivo trabalho escolar, num total de 2.400 horas, excluído o tempo reservado aos estudos de recuperação.

O Curso Normal em Nível Médio, com duração de quatro anos letivos, destinado a formar professores para atuar na Educação Infantil e nos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos. A carga horária de 3.924 horas será distribuída por no mínimo 200 dias de efetivo trabalho escolar, desenvolvida da seguinte forma:

- 851 horas anuais para a 1ª Série;
- 891 horas anuais para a 2ª e 3ª Séries, incluídas as horas destinadas à Prática de Ensino;
- 1.291 horas anuais para a 4ª Série, sendo que destas 400 horas são destinadas ao Estágio Supervisionado, que será realizado concomitantemente no segundo semestre.

O Curso Técnico em Contabilidade de Nível Médio, com duração mínima de dois anos, totalizando 1.140 horas, distribuídas em quatro módulos, sendo que no primeiro módulo são desenvolvidas as competências gerais da área e nos demais módulos as competências específicas do profissional Técnico em Contabilidade.

A Escola oferece ao aluno:

- possibilidade de avanço nos cursos e séries mediante a verificação de aprendizagem ao que apresentar ritmo diferente dos demais;
- aproveitamento de estudos concluídos com êxito, tendo como base sua aprendizagem e avaliação;
- reclassificação quando se tratar de transferência entre estabelecimentos situados no País ou Exterior;

- progressão parcial, em até duas disciplinas, sem prejuízo da seqüência curricular, com atendimento específico paralelo à série que irá cursar, no componente curricular em que não obteve êxito;
- atividades complementares compensatórias de infreqüência quando demonstrar razoável aproveitamento escolar, mas que não alcançou o mínimo de freqüência obrigatório.

#### 10- AVALIAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

Este projeto será avaliado constantemente em parceria com os segmentos nele envolvidos, promovendo reflexão sobre o cotidiano pedagógico, verificando-se dificuldades, conquistas e encaminhamentos.

Fica o desafio de continuar com o processo de construção do Projeto Político Pedagógico que tem como meta a busca de uma escola cidadã.

#### 11- BIBLIOGRAFIA

- Cadernos Temáticos – 3º Momento da Constituinte Escolar.
- Lei nº 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- Princípios e Diretrizes para a Educação Pública Estadual - Construção da Escola Democrática e Popular.
- Revista do Professor – Escola – Dezembro 2000.
- VASCONCELOS, Celso de S. – Projeto Político-Pedagógico.